

Em foco

OPERAÇÃO de resgate da **PALANCA NEGRA** gigante

A última missão de uma equipa científica à Reserva do Luando identificou 14 palancas negras gigantes machos. Ainda que ténue, a esperança na recuperação da espécie reacendeu-se, depois de anos de incertezas.

Textos **ADEBAYO VUNGE**

Fotos **KALUNGA LIMA**

QUANDO já poucos acreditavam, eis que nasceu uma luz bem visível no fundo do túnel. Ou melhor, nas matas da Reserva Integral do Luando, onde foi encontrada uma manada de 14 machos da palanca negra gigante. Somados às oito fêmeas identificadas entre a Cangandala e Luando, perfazem um total de 22 elementos, ao contrário dos quatro que se pensava existir. Esta operação de resgate está inserida num projecto que começou em 2001, que tinha o objectivo de apurar as circunstâncias em que se encontrava a palanca negra gigante, um animal que apenas existe em solo angolano, especialmente no Parque Nacional da Cangandala (em Malanje) e na Reserva Integral do Luando (entre Malanje e o Bié). Pedro Vaz Pinto, coordenador do projecto pelo Centro de Estudos da Universidade Católica de Angola, tem vindo a viajar para aquelas regiões desde 2003, inicialmente para a instalação de câmaras de vigilância que serviram para monitorar

a vida destes animais. Há já dois anos que não encontrava nenhum macho. A população era essencialmente composta por fêmeas, que se começavam a cruzar com outras sub-espécies de palancas, gerando crias híbridas e estéreis, o que colocava a palanca negra gigante em extinção eminente. Mas uma outra questão se colocava: O que havia no Luando, uma reserva com 828 mil hectares, muito maior que os 63 mil de Cangandala? "O grande obstáculo a contornar eram os acessos, dado que as pontes foram todas destruídas e o caminho é sinistro. O projecto levou três moto 4, mas ainda assim era difícil percorrer centenas de quilómetros nestas condições". Em fim de Maio e princípio de Junho, Pedro Vaz Pinto e Kalunga Lima estiveram finalmente no Luando e encontraram "os rastros com fezes de uma possível manada". O projecto de captura decorreu recentemente, entre 25 de Julho a 16 de Agosto. Era, para os especialis-

tas, a "última tentativa". O trabalho prolongava-se por largos períodos e cumpria etapas díspares. A ideia era construir dentro do Parque da Cangandala um cerco de quatro quilómetros quadrados com as fêmeas puras acompanhadas por um macho. Depois procurar algures no Luando um macho e trazê-lo para o cerco da Cangandala. Para atingir o objectivo de pesquisa, a equipa de Pedro Vaz Pinto desenvolveu, numa das etapas finais, dentro da Cangandala, um núcleo reprodutor e mandou vir do Botswana uma equipa especializada na captura de animais, constituída por um médico veterinário, Peter Morkel, e por Barney O'Hara, o piloto do helicóptero que veio propositadamente para esta missão. Esta operação teve um grande apoio da Força Aérea Angolana, na pessoa do general Hanga, sobretudo em termos logísticos para o abastecimento do helicóptero. Um outro aparelho militar transportou o animal de Gunga Palanca até

Cangandala.

A operação ultrapassou todas as expectativas e, ao invés das seis fêmeas esperadas, encontraram-se oito. Nos machos encontrados no Luando foram colocadas coleiras e um transmissor para facilitar a localização. O cerco onde actualmente se encontram os animais foi disponibilizado e financiado pelo Ministério do Ambiente.

SENSIBILIDADE EMPRESARIAL

O Projecto de Captura e Conservação da Palanca Negra Gigante é dirigido por Pedro Vaz Pinto, um investigador e biólogo membro do Centro de Investigação Científica da Universidade Católica de Angola. O programa é financiado em 99% pelo bloco 15, que inclui empresas como a Sonangol, Esso, StatoilHydro e BP.

Mas para além destes apoios, este projecto contou ainda com a ajuda de empresas como a Toyota, que forneceu alguns veículos. A Cooperação Alemã forneceu motos de

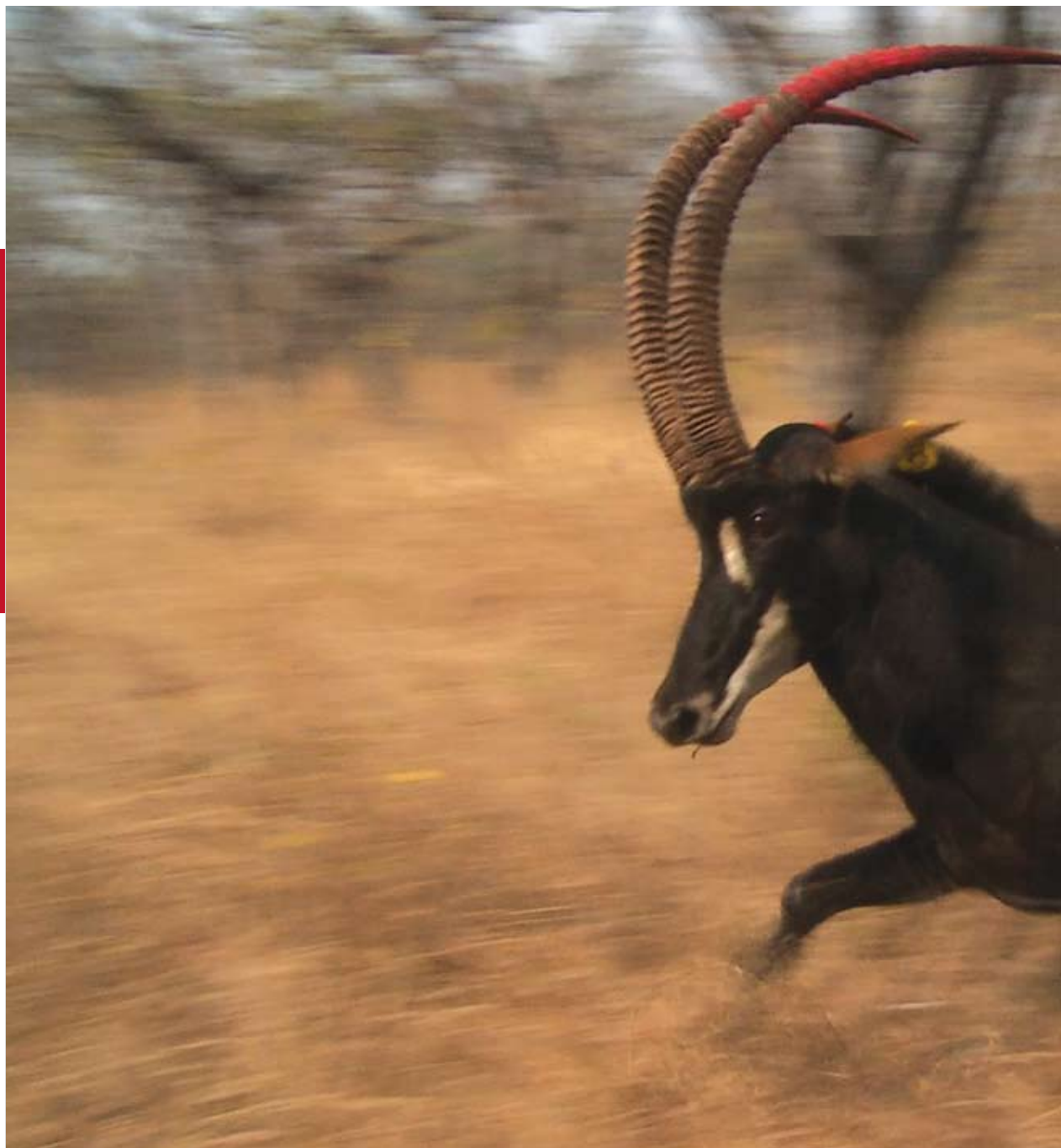
quatro rodas com tracção. A Robert Hudson e a Unitel também participaram.

A rede de telefonia móvel, por exemplo, com o impulso de António Nunes, director do planeamento, colocou uma torre no parque da Cangandala, especificamente para este projecto, uma vez que um dos tipos coleiras que os animais usam têm um chip que emite via sms um sinal GPS que os localiza.

A OPERAÇÃO

Dentro do cerco de quatro quilómetros quadrados delimitou-se uma área menor, chamada pelos especialistas sul-africanos de "boma". Atrair as fêmeas de Cangandala e o macho para dentro dessa zona, e abri-la na presença da ministra do Ambiente, Fátima Jardim foi um dos últimos passos desta empreitada que engajou cerca de um dezena de profissionais e várias noites mal dormidas.

Após os animais serem capturados, inicia-se um processo. Corta-se um



14 machos da sub-espécie palanca negra gigante foram encontrados na Reserva Integral do Luanda pela equipa liderada por Pedro Vaz Pinto

Kalunga Lima



pouco a orelha e coloca-se em álcool para fazer um levantamento do ADN. Põe-se também uma etiqueta na orelha e pinta-se o chifre de cor-de-rosa, para os investigadores não correrem o risco de apanharem duas vezes o mesmo animal.

A população reagiu de forma surpreendente, quando viram que as palancas iam chegando. Até um "viva Pedro!" se ouviu. Há uma relação muito próxima entre palancas e seres humanos por causa das queimadas, altura em que os animais se aproximam das zonas habitadas, onde existe relva nova. "Viva kunga Palanca!", era a entoação que cantavam.

Durante a operação, "nenhum animal foi ferido, tudo saiu direitinho e isso demonstra o grande trabalho dessa equipa", congratulava-se Pedro Vaz Pinto.

Novas centenas de quilómetros mal percorridos, picadas e viagens infundáveis poderão perspectivar-se agora, nos próximos tempos, com ânimo redobrado.

Personagens do drama

PEDRO VAZ PINTO: Engenheiro, é investigador e coordenador do Departamento de Recursos Naturais do Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola. Está desde a primeira hora engajado neste projecto, do qual assumiu as vestes de coordenador em Agosto de 2003. Quem como ele priva declara-nos que se trata de um homem de firmes convicções e grande engajamento com o trabalho. Não sem razão. Justino Pinto de Andrade, nos seus escritos ao A Capital sugere que "o êxito da missão a que se dedicou o engenheiro Pedro Vaz Pinto deveria merecer um reconhecimento público e, quiçá, institucional. Talvez mesmo a outorga de um galardão". É licenciado e Mestre em Engenharia Florestal com vasta experiência em projectos relacionados com ecologia e gestão de vertebrados.

RICHARD ESTES: biólogo que, entre Setembro de 1969 e Setembro de 1970 viveu dentro da Reserva Integral do Luando com a sua esposa, Rumi. Estudaram o comportamento do animal, as crias, as relações sociais. Aos 82 anos, regressou a Cangandala para ver a captura da palanca negra gigante.

SANDY LARA BAPTISTA: assistente do projecto desde Janeiro de 2009, é licenciada em Biologia com mestrado em Biologia da Conservação. A tese de mestrado enquadrou-se no Projecto de Conservação da Palanca Negra Gigante, tendo como tema "A Importância da Geofagia para a Palanca Negra Gigante em Angola". Na

sua tese, abordou a questão das salinas, que provêm de salalé. O morro de salalé é o ponto onde os animais vão lamber a terra para adquirir propriedades como o sódio, em substituição do sal. Os morros de salalé serviram de pontos de monitorização das palancas no Parque da Cangandala onde haviam sido instaladas várias câmaras. Foi assim que se deu conta do desaparecimento dos machos.

JEREMY ANDERSON: especialista em antílopes, foi ele que conce-

beu, juntamente com o Pedro Vaz Pinto, a operação de captura. Tem larga experiência como ecologista de vida animal.

JOHN FREDERICK WALKER: é jornalista e escritor e escreveu um livro sobre a palanca negra gigante – "A certain cure of the Horn", "Uma certa curvatura dos Cornos", em português. Teve sempre uma grande paixão pela palanca negra gigante e reuniu, no seu livro, todos os dados sobre o animal, desde os primeiros caçadores e exploradores até à pessoa que identificou formalmente a espécie, um engenheiro do Caminho de Ferro de Benguela. A História do animal começou, ironicamente, em 1909, exactamente há cem anos atrás. O nome científico desta espécie é "Hippotragus Niger Variani", o que significa "cavalo com chifres", ou seja, antílopes. Niger significa preto e Variani deriva do nome do engenheiro inglês Varian, que trabalhou nos Caminhos de Ferro de Benguela e que, quando estava mais ou menos no Bié, sul do Luando, ouviu falar do animal e foi à sua procura. Encontrou e levou a sua pele e chifres para a Sociedade de Biologia de Londres onde foi atestada a sua autenticidade e, finalmente, classificado. É uma subespécie das palancas.

KALUNGA LIMA: é cineasta, com formação em televisão feita no Canadá e em Portugal, onde foi docente universitário. Kalunga Lima é actualmente responsável da LS Filmes e filmou 22 horas da operação que inclui cenas incríveis com imagens de alta resolução. Prepara um documentário que será emitido no País e internacionalmente via National Geographic e Discovery.

FUNGO DA SILVA E O SACAIA: ajudaram a localizar a manada das palancas. Eles foram os pastores. Sacaia foi cozinheiro do Richard Estes, quando era criança. Quando cresceu fez um curso para ser fiscal do parque.

BARNEY O'HARA E PETER MARKEL – são dois especialistas sul-africanos vindos do Botswana. Um é piloto e o outro médico veterinário. Trabalham juntos e são especialistas na captura de animais selvagens. Têm no curriculum mais de mil animais desde Rinocerontes, elefantes e outros, em várias partes do continente.

Em foco



Kalunga Lima

Parque Nacional da Cangandala e reserva de Luando Tamanho díspar, realidades semelhantes

Na Cangandala a palanca negra gigante está quase extinta, estando reduzida a menos de oito animais puros. A manada está hibridizada e não há um macho reprodutor, aparentemente.

Nos anos 80 a população de palancas neste Parque era constituída por cinco manadas com cerca de 150 indivíduos, no total. Com o alastrar da guerra civil e o abate indiscriminado de espécies, os números baixaram perigosamente e no final do conflito, em 2002, estima-se que existissem apenas cerca de 20 animais. A partir de então a caça furtiva intensificou-se e a eliminação dos machos reprodutores

agudizou a situação. Se não houver sucesso nas medidas preconizadas para este ano, a palanca negra gigante poderá ser dada como extinta em Cangandala, em 2010.

Sobre a Reserva do Luando existem poucos dados definitivos, mas é hoje seguro que estes animais sofreram uma redução brutal e que se encontram igualmente numa situação alarmante. Particularmente, porque a caça furtiva está ainda longe de estar controlada, e os sinais disto são evidentes na área.

No final dos anos 70, o número de palancas no Luando estava estimado em cerca de dois mil animais. Com a ocupação deste território

pela UNITA, a partir de 1981, a situação deteriorou-se rapidamente. Após o reacender do conflito, em 1992, a situação degradou-se ainda mais, levando à completa extinção de espécies como a gunga, o puku ou o mabeco, enquanto que outras terão sobrevivido em números baixíssimos como a pacassa, o songue, a quissemá ou o leão. Hoje, em relação às palancas negras gigantes os dados são escassos e contraditórios.

Se nada for feito no Luando, dentro de um ou dois anos poderá ser demasiado tarde para salvar a palanca nesta reserva.

A.V.

Os riscos da caça furtiva

O quase estado de abandono de Cangandala e Luando favorece a acção dos caçadores furtivos

Num documento elaborado em Junho pela equipa de investigação, “a legislação actual é demasiado branda para actos de caça furtiva e de transgressão nas áreas de conservação nacional, actos que deveriam ser rapidamente criminalizados e severamente punidos”.

Segundo nos relatou, entretanto, o realizador Kalunga Lima, no Luando encontraram acampamentos de pessoas que se dedicam à caça furtiva. Na Cangandala, as armadilhas eram “às centenas”.

Neste Parque existe um administrador nomeado. No entanto, sem pessoal de apoio, a sua acção torna-

se quase impossível, acabando por passar a maior parte do tempo em Malanje, e não no terreno.

No caso do Luando a situação é ainda mais gravosa, pois não existe ninguém nomeado para gerir ou mesmo supervisionar a reserva.

No mesmo documento, ao qual o NJ teve acesso, lê-se que “estas áreas necessitam urgentemente de um corpo numeroso de fiscais (ou agentes equiparados) bem armados e treinados e convenientemente distribuídos (...). Esta é uma responsabilidade exclusiva do Estado, e é fundamental para poder combater activamente a caça furtiva e estancar rapidamente a situação crítica que se vive actualmente”.

Neste momento, os pastores na

Cangandala não estão mandatados para autuar e dar ordem de prisão e não foi formalizada uma solução que lhes permita o uso de arma para se defenderem dos caçadores. No Luando a situação é ainda mais dramática, pois o número de pastores é comparativamente muito mais reduzido e a área é bem mais vasta. Nalguns locais, como na comuna de Capunda, a administração local não procedeu à recolha das armas de caça (apenas recolheu as armas automáticas de guerra), que continuaram nas mãos dos populares.

A população local no Luando vive numa situação desesperante. Há aldeias no Luando, como as da comuna de Kibango onde não há uma escola há 24 anos.

A.V.

Sendya Lara Baptista, bióloga

“O próximo desafio é controlar a saúde e reprodução dos animais”

O que é o processo de hibridação das palancas?

A hibridação que aconteceu no Parque Nacional da Cangandala (PNC) foi resultado de um cruzamento entre duas espécies diferentes: a Palanca Negra Gigante e a Palanca Vermelha. Este é um processo que não ocorre em situação natural, uma vez que estas duas espécies sempre coexistiram sem ter sido registado nenhum cruzamento. Pensa-se que o que provocou este cruzamento atípico foi o facto das populações de ambas as espécies apresentarem muito poucos indivíduos. Isto levou a que um macho de Palanca Vermelha dominasse uma manada de fêmeas de Palanca Negra Gigante, resultando daí algumas crias híbridas.

Como perceber que elas sejam necessariamente estéreis?

Não há forma nenhuma de confirmar que os animais híbridos sejam estéreis sem realizar análises laboratoriais.

Qual era o estado sanitário das nossas palancas negras?

O estado das fêmeas capturadas é absolutamente saudável. Justamente por estarem numa situação de gerar poucas crias pela ausência de um macho puro no PNC, os animais estão em boa condição física. E nenhuma delas tinha carraças.

O que é a floresta de miombo?

A floresta ou mata de miombo é o habitat natural da palanca negra gigante. É um ecossistema onde dominam árvores do género *Brachystegia*, *Julber-*

nardia e *Isoberlinia* da família *Fabacea*. Este tipo de floresta desenvolve-se em zonas de solos pobres e pluviosidade acima de 700 mm anuais e constitui o maior contínuo de floresta tropical decídua do mundo.

Quais serão os próximos desafios do projecto?

Neste momento é monitorizar a população de palancas que está no santuário. É preciso controlar o estado de saúde dos animais e a sua reprodução, de forma a confirmar que eles podem ser mantidos neste local. Apesar de se ter quase a certeza de que os animais puros da Cangandala foram capturados e postos no santuário, é importante continuar a fazer o trabalho com a população de híbridos para verificar se não se junta mais nenhum animal puro à manada, e se os híbridos não se reproduzem. Obviamente que não se pode esquecer a Reserva Integral do Luando, que constitui de certeza o futuro desta espécie. É preciso continuar o trabalho para localizar manadas de Palanca Negra Gigante nesta reserva.

Um macho apenas, no viveiro, salvaguarda a reprodução do animal?

Com certeza. Estes antílopes organizam-se em manadas de fêmeas e crias com um macho dominante que cruza com todas as fêmeas da manada. É natural encontrar números acima de 9 fêmeas numa manada. Há registo do Dr. Richard Estes de manadas na Reserva do Luando com 19 fêmeas.



Kalunga Lima

Dra Sendya Lara Baptista, bióloga do projecto